



## Shakespeare na sala de aula: relato sobre o trabalho vencedor do “Concurso Cultural para Escolas Shakespeare Hoje”

### Shakespeare in the classroom: a report about the winner work of the “Cultural Contest for Schools Shakespeare Today”

Vandemberg Simão Saraiva<sup>1</sup>

Para meus alunos e alunas  
Arisa, Caio, Catarine, Gabriela, Lara, Luísa,  
Marcelo, Matheus, Paccioli, Sarah, Vitória e os Gustavos.

#### Resumo

Para celebrar os 400 anos da morte de William Shakespeare, o British Council promoveu, no Brasil, um concurso para as escolas de educação básica. O objetivo era produzir um filme de quatro minutos para o YouTube respondendo à seguinte questão: Por que Shakespeare é atual? Este texto é o relato sobre nossa participação nesse concurso, no qual obtivemos o primeiro prêmio.

**Palavras-chave:** Concurso Cultural Shakespeare Hoje. Programa Global “Shakespeare Lives”. Shakespeare.

#### Abstract

To celebrate the 400th anniversary of William Shakespeare's death, the British Council promoted a contest among primary and secondary schools in Brazil. The goal was to produce a four-minute movie for YouTube by answering the following question: Why is Shakespeare contemporary? This text is a report about our participation in this contest, in which we have earned the first prize.

**Keywords:** Cultural Contest Shakespeare Today. Global Program “Shakespeare Lives”. Shakespeare.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialista em Estudos Literários e Culturais pela Universidade Federal do Ceará e licenciado em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é professor de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio Militar de Fortaleza. E-mail: vandembergsaraiva@hotmail.com.

## Preparando uma celebração

Em homenagem aos 400 anos da morte do escritor inglês William Shakespeare (1564-1616), o British Council – organização internacional do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais – promoveu, no Brasil, uma iniciativa a fim de estimular estudantes a conhecerem a obra desse poeta e dramaturgo: o “Concurso Cultural para Escolas Shakespeare Hoje”. Essa instituição convidou colégios de todo o Brasil a celebrar a vida e a obra de quem ela considera o maior dramaturgo inglês de todos os tempos. O objetivo do concurso foi mostrar como o célebre escritor permanece vivo em nosso cotidiano.

Essa iniciativa, direcionada às escolas públicas e privadas brasileiras, fazia parte de um programa global de atividades que celebraram o trabalho do dramaturgo inglês: *Shakespeare Lives*. O programa previa uma série de eventos – como espetáculos de dança e teatro, exposições de filmes, exposições de arte – e a publicação de recursos educacionais para o ensino da língua inglesa. O maior destaque do *Shakespeare Lives* foi o lançamento de uma plataforma *online* de participação em massa, que convidou pessoas do mundo inteiro a reinterpretar, de forma criativa, cenas de peças de Shakespeare, recriando as obras do dramaturgo no meio digital<sup>2</sup>.

Quando soube do concurso, apresentei a ideia em minhas aulas de Literatura nas turmas de 3ª. série do Ensino Médio do Colégio Militar de Fortaleza (CMF), e alguns alunos participaram dos estudos e das discussões. Cada um contribuiu de forma diversa na concretização de filmes, objetos de análise do certame. Este relato intenta expor questões relativas ao concurso e relatar o trabalho feito pelos alunos da instituição supracitada. O empenho resultou na obtenção do primeiro prêmio dessa competição.

## Shakespeare Lives

O programa *Shakespeare Lives* promoveu diversos eventos durante todo o ano de 2016, a fim de divulgar o autor inglês como um escritor que fala com todas as pessoas e todas as nações. As atividades foram realizadas em mais de 140 países.

<sup>2</sup> Outras oportunidades de participação das atividades do programa em diversos países foram divulgadas no site oficial do *Shakespeare Lives*: <<https://www.shakespearelives.org>>. Acesso em: 17 maio 2017.

Em uma delas, o British Council encomendou uma série de curtas-metragens inéditos baseados na obra de William Shakespeare<sup>3</sup>. Em outra, disponibilizou-se uma plataforma interativa – o *Mix the play* – que permitia ao internauta criar sua própria cena shakesperiana de forma simples e intuitiva. Em colaboração com o diretor Roysten Abel e com a ajuda de profissionais do *Old Vic Theatre*, era possível dirigir a famosa cena do balcão de *Romeu e Julieta*<sup>4</sup>, uma das peças mais conhecidas do dramaturgo inglês, escolhendo o ator e a atriz favoritos, a música e o cenário; ou criar uma cena para a peça *Sonho de uma noite de verão*<sup>5</sup>, empregando amostras de filmes e efeitos especiais e empregando uma série de elementos, como atores, cenário, figurino, estilo de atuação e trilha sonora. Os vídeos foram compartilhados por seus criadores nas redes sociais. Enfim, a programação contou com espetáculos de dança e teatro, exposições de filmes, cursos *online*, torneios teatrais e publicação de conteúdos educacionais para o ensino de língua inglesa, entre outras atividades.

No Brasil, a cidade de Curitiba foi sede do lançamento do programa, que aconteceu em março, paralelamente ao Festival de Teatro de Curitiba, um dos mais longevos do país. Durante a tradicional Festa Literária Internacional de Paraty – FLIP – (de 29 de junho a 3 de julho de 2016), a Capelinha de N. S. das Dores transformou-se no palco de uma programação intensa dedicada ao dramaturgo e seu legado: a *Shakespeare House* (Casa Shakespeare). O templo tornou-se, nas palavras do British Council, um convite à imaginação e ao conhecimento, usando Shakespeare como a argila primordial para novas criações, interpretações e compartilhamentos. A já conhecida Oficina Literária da FLIP, parceira essencial desta iniciativa, foi abrigada e desdobrada na capela e dedicada integralmente à produção teatral do poeta inglês. Artistas locais também encontraram um território livre para suas interpretações mais pessoais de Shakespeare, nas formas mais variadas, do artesanato ao teatro, da instalação à escultura. Três longas-metragens do acervo do British Film Institute (BFI), raramente vistos em tela grande no Brasil, foram

---

3 Os curtas-metragens estão disponíveis em: <<https://www.britishcouncil.org.br/atividades/shakespeare-lives/colecao-curtas>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

4 A peça relata o amor proibido entre dois jovens na Verona renascentista do século XVI. A bela Capuleto se apaixona por Romeu sem saber que o rapaz é um Montéquio, família rival dos Capuletos. Apesar dos problemas que certamente teriam de enfrentar, os jovens escolhem viver a intensidade do sentimento que nutrem um pelo outro. As disputas entre as suas famílias, contudo, não permitem que esse amor impossível floresça, levando os amantes à morte.

5 Comédia que envolve seres mitológicos gregos, figuras folclóricas inglesas e tipos humanos da Inglaterra elisabetana, misturando três tramas simultâneas que se inter-relacionam, todas de confusões amorosas.

exibidos no columbário da Capelinha. Houve também debates, aulas e saraus abertos ao público, que ilustraram a contemporaneidade permanente de Shakespeare.

Pelo País, aconteceu o ciclo de debates *Shakespeare Lives in Debate: “Todo o Mundo é um Palco”*<sup>6</sup>, uma série de encontros abordando temas contemporâneos e universais que estão presentes na obra de Shakespeare, como amor, justiça, transparência, finanças, igualdade, loucura e gênero, com curadoria do jornalista Nelson de Sá.

Com o título de “Shakespeare Vive nas Ciências”, houve explicações sobre venenos e poções, as armas escolhidas por várias das mais famosas personagens de Shakespeare. Discussões sobre esse tema foram instigadas no Instagram, no Facebook e no Twitter.

Em janeiro de 2016, o *British Film Institute* (BFI) lançou um grande projeto de filmes para homenagear Shakespeare. Esse projeto incluiu filmes produzidos desde 1899 até hoje, todos adaptados e inspirados nas obras do dramaturgo inglês. Os filmes foram exibidos em cinemas do mundo todo e *online*. No Brasil, aconteceram exhibições na Shakespeare House, em Paraty (RJ); Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo (SP); no Oi Futuro Flamengo, no Rio de Janeiro (RJ), e no Instituto Moreira Salles, também no Rio de Janeiro (RJ).

No dia 1º de junho de 2016, dezenas de pessoas foram ao teatro Poeira, no Rio, celebrar os 400 anos do legado de Shakespeare. O evento, que contou com a participação de diversos atores e estudiosos, realizou leituras de trechos de peças e sonetos de William Shakespeare.

Toda essa grande celebração – e as atividades acima apenas exemplificam a multiplicidade de intervenções – buscou, entre outros motivos, perpetuar a canonicidade literária e cultural desse autor, cuja obra transcende ao longo de mais de 400 anos.

### **Por que Shakespeare?**

Com o título de “Celebração da vida e obra de William Shakespeare”<sup>7</sup>, o vídeo institucional do programa *Shakespeare Lives* ressalta a presença desse dramaturgo no mundo. Segundo o vídeo, Shakespeare possui mais de um milhão de alusões

---

6 Os debates podem ser vistos em: <<https://www.britishcouncil.org.br/atividades/shakespeare-lives/debates>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

7 O vídeo pode ser assistido em: <<https://www.britishcouncil.org.br/atividades/shakespeare-lives/sobre>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

cinematográficas, detendo o máximo número de créditos, desde filmes hollywoodianos a musicais bollywoodianos. Já foi traduzido para mais de uma centena de idiomas<sup>8</sup> e criou mais de três mil palavras e centenas de expressões. Além disso, o vídeo também afirma que metade das crianças do mundo estuda Shakespeare e que o dramaturgo é o ícone cultural número um do Reino Unido, tendo influenciado, por exemplo, Nelson Mandela e The Beatles. Esse pequeno vídeo mostra como há interesse em perpetuar a influência cultural britânica, quase onipresente no globo. Facilmente se conclui, então, que fatores outros, não necessariamente intrínsecos à literatura, contribuem para a fama global do poeta inglês.

Pelo discurso do vídeo institucional, subentende-se que Shakespeare tornou-se, segundo Richard Proudfoot et al. (2001), um fenômeno cultural mundial, um nome tornado uma logomarca (e sua imagem aparece em camisetas e em cartões de crédito), um mestre mundial do teatro, uma fonte para a realização de filmes, um componente compulsório da educação, um rótulo que vende milhares de livros. Certamente, além disso tudo, um homem que soube compreender a humanidade.

Considerando o pressuposto de que é a história das leituras que faz Shakespeare ser atual, toda a campanha *Shakespeare Lives* busca incentivar a leitura, as possíveis releituras e as reescrituras da obra do poeta inglês, perpetuando assim a sua canonicidade e a cultura do Reino Unido.

Para Dominique Maingueneau (2001), no campo da análise propriamente textual, as formações discursivas surgem a partir do funcionamento dos grupos de produtores e gerentes que as fazem viver e vivem delas. Assim, se nos atentarmos para alguns momentos da história da leitura da obra do Bardo<sup>9</sup>, enfatizando o papel de seus leitores, críticos e outros agentes literários, entenderemos certos aspectos da manipulação literária. Shakespeare nem sempre foi essa quase unanimidade ocidental. O século XVII o produziu; o XVIII o chamou de bárbaro, por ele não se adequar às regras neoclássicas francesas, mas elogiou-lhe a sublimidade; o XIX alçou-o ao nicho da supremacia literária, considerando-o gênio sem par e ícone do Romantismo. O século XX confirmou-lhe a autoridade no cânone, e o XXI – muito provavelmente – o configurará como resposta às questões

---

8 Shakespeare foi, inclusive, traduzido para o klingon, língua criada pelo linguista estadunidense Marc Okrand para os filmes baseados na série americana de televisão *Jornada nas Estrelas* (*Star Trek*).

9 Antonomásia de William Shakespeare.

contemporâneas, esmiuçando-o no cinema, na TV e na *web*. Essas percepções da obra shakespeariana ocorreram e ocorrem, principalmente, por causa dos processos de leitura e reescritura dos textos do Bardo.

É verdade que a obra artística se atualiza como resultado de leituras. Já que elas diferem no tempo e no espaço, a obra mostra-se variável, contrária a sua fixação em uma única essência alheia a esse mesmo tempo e espaço. Quem atualiza a obra é o leitor, segundo afirma Lev Semenovich Vigotski (1999, p. 21) no prefácio a seu estudo *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*: “Nenhuma obra literária existe sem o leitor: o leitor a reproduz, recria e elucida.”. Vigotski coloca o foco da análise literária no trabalho daquele que lê. Nas palavras de Hans Robert Jauss (1997, p. 25), “A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete.”. Dessa forma, a leitura apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor. A obra precisa, em sua constituição, da participação daquele que lê. A obra de Shakespeare não foi escrita para nós, leitores ocidentais do século XXI, mas para o público elisabetano; no entanto, nossas leituras a tornam uma obra nossa.

Considerando que é necessário incentivar a leitura de uma obra a fim de que ela continue sendo apreciada, surgem os intermediários (pessoas, instituições, governos, etc.), que divulgam a literatura:

Isso é importante porque eles [os intermediários] são, no presente, co-responsáveis, em igual ou maior proporção que os escritores, pela recepção geral e pela sobrevivência de obras literárias entre leitores não-profissionais<sup>10</sup>, que constituem a grande maioria dos leitores em nossa cultura globalizada. (LEFEVERE, 2007, p. 13)

Assim, o “Concurso Cultural para Escolas Shakespeare Hoje” buscou, então, manter a canonicidade e a referência cultural da obra shakespeariana, levar os alunos à leitura de Shakespeare e incentivá-los a reescrever o Bardo em linguagem de vídeos para o YouTube, transformando os estudantes em intermediários para a divulgação e a permanência da obra do poeta inglês na cultura brasileira.

---

<sup>10</sup> Entenda-se por leitores não profissionais os leitores comuns, que não são, por exemplo, críticos literários, editores ou professores.

Como os leitores não anglófonos usam de traduções em vez do texto original, o estudo dos vídeos feitos pelos alunos brasileiros e disponibilizados no YouTube resultariam em interessantes trabalhos de pesquisa sobre tradução e adaptação de obras teatrais. Neste relato, iremos nos deter nas releituras e reescritas feitas para as telas dos computadores e divulgadas via Internet pelos alunos do CMF.

### Concurso Cultural para Escolas Shakespeare Hoje

O “Concurso Cultural Shakespeare Hoje” propôs que grupos de até cinco alunos dos ensinos Fundamental II (6º. ao 9º. ano) e Médio (1ª. a 3ª. série) de escolas públicas e particulares brasileiras, coordenados por um professor, abordassem o tema “Por que Shakespeare continua atual?” por meio de um vídeo de, no máximo, quatro minutos. O conteúdo deveria explorar textos e personagens de produções shakespearianas e poderia ainda conter trechos de peças, adaptações dos alunos ou algum material criativo autoral que fosse inspirado pela obra do autor inglês. Os participantes deveriam inserir o vídeo no YouTube com a *hashtag* “#ShakespeareLives” e incluir o *link* no formulário de inscrição disponível no *site* [www.shakespearehoje.org.br](http://www.shakespearehoje.org.br).<sup>11</sup>

Para auxiliar professores e alunos a investigar Shakespeare como o escritor que tem muito a revelar a nossa contemporaneidade, o British Council e a Royal Shakespeare Company (RSC) elaboraram o material didático “Shakespeare Vive nas Escolas”. As atividades propostas neste documento estimulam professores e alunos a se envolverem com algumas das questões, temas e ideias das peças de Shakespeare e a descobrir como elas permanecem relevantes e atuais em nossas vidas, onde quer que estejamos no mundo.

Eu e onze alunos da 3ª. série do Ensino Médio gravamos e inscrevemos três vídeos; competimos com 763 outros trabalhos, conforme informação do *Jornal do Comércio do Ceará*<sup>12</sup>. A elaboração dos roteiros, as gravações e a editoração, tudo foi feito por nós, professor e alunos do CMF. Tive a alegria de orientar uma equipe de jovens realmente

---

11 Para mais informações, o regulamento do concurso está disponível em <[https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/concurso\\_cultural\\_shakespeare\\_hoje\\_-\\_regulamento.pdf](https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/concurso_cultural_shakespeare_hoje_-_regulamento.pdf)>. Acesso em: 19 mai. 2017.

12 COLÉGIO Militar de Fortaleza é 1º colocado em Concurso Cultural para escolas Shakespeare Hoje. **Jornal do Comércio do Ceará**, Fortaleza, 3 jan. 2017. Disponível em: <<http://jce.com.br/?p=845>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

muito talentosos, e nosso esforço resultou na conquista do primeiro prêmio nessa competição.

Após divulgar em minhas salas o concurso, alguns de meus alunos interessaram-se pelo projeto. Formamos três equipes, que se ajudaram mutuamente na feitura dos vídeos. Combinamos também que, caso uma delas ganhasse o prêmio, ele seria dividido entre todos. O que de fato aconteceu quando do recebimento dos vales-presente.

Iniciamos os encontros para estudo e discussões em junho de 2016. Encontrávamos-nos uma vez por semana, durante uma hora. O tempo de que dispúnhamos era pequeno, já que os estudantes tinham atividades escolares pela manhã e pela tarde. Nas primeiras aulas, apresentei Shakespeare como homem de teatro, cuja obra se relacionava às situações de produção<sup>13</sup> do teatro elisabetano, o qual compreendia três principais aspectos: as companhias teatrais, os locais de exibição e o público das peças. Por meio dos filmes *Shakespeare apaixonado* (1998), de John Madden, e *Anonymus* (2011), de Roland Emmerich, expus esses aspectos e debatemos sobre como a obra do Bardo está profundamente inserida no teatro elisabetano. O debate foi feito não somente para entendermos alguns temas das peças, mas para compreendermos o texto dramático de Shakespeare, com suas mudanças de espaço e tempo e a falta das indicações cênicas. Por os alunos não terem intimidade com a leitura do texto teatral, esses momentos foram importantes para que o estranhamento fosse diminuído. Comentei alguns aspectos biográficos, destacando aqueles que se ligam à produção teatral shakespeariana, e analisamos o conto “Everything and nothing”, de Jorge Luis Borges, no qual o escritor argentino recria a vida de Shakespeare em um relato ficcional incrível, em que a inquietude existencial do autor resulta em literatura: “A identidade fundamental do existir, sonhar e representar inspirou suas famosas passagens.” (BORGES, 1999, p. 202)

Para as férias de julho, sugeri a leitura de algumas peças: *Romeu e Julieta*, *Macbeth*, *Hamlet*, *O mercador de Veneza*, *Otelo* e *Sonho de uma noite de verão*. Indiquei as edições da L&PM pocket, por serem baratas e fáceis de encontrar. Mencionei também as traduções disponíveis no *site* do Domínio Público e do Shakespeare brasileiro. Propus que, caso sentissem dificuldades na leitura dos textos, assistissem a filmes baseados nas peças

---

13 Segundo o Glossário CEALE, condições de produção são as características básicas do contexto interlocutivo acionadas pelos sujeitos, de forma consciente ou inconsciente, no decorrer do processo de elaboração do texto oral ou escrito.

indicadas para depois retornarem ao texto escrito. Aconselhei *Romeu e Julieta* (1968), de Franco Zeffirelli; *Romeu + Julieta* (1996), de Baz Luhrmann; *Macbeth* (1971), de Roman Polanski; *Macbeth* (1948), de Orson Welles; *Hamlet* (1990), de Franco Zeffirelli; *O mercador de Veneza* (2004), de Michael Radford; *Othelo* (1995), de Oliver Parker; e *Sonho de uma noite de verão* (1999), de Michael Hoffman.

Quando do retorno do período de férias, começamos a conversar sobre a atualidade de Shakespeare e os caminhos que poderíamos seguir para atualizar o texto shakespeariano. Diversas ideias surgiram, e algumas se impuseram e se concretizaram em três vídeos, todos inscritos no concurso: *O discurso de Shylock e das minorias*, *Quem serei eu?* e *Em um nome*.

O primeiro vídeo – *O discurso de Shylock e das minorias* – faz uma releitura de um dos discursos do famoso judeu de *O mercador de Veneza* (Ato III, cena I).

[...] Ele me humilhou, impediu-me de ganhar meio milhão, riu de meus prejuízos, zombou de meus lucros, escarneceu de minha nação, atravessou-se-me nos negócios, fez que meus amigos se arrefecessem, encorajou meus inimigos. E tudo, por quê? Por eu ser judeu. Os judeus não têm olhos? Os judeus não têm mãos, órgãos, dimensões, sentidos, inclinações, paixões? Não ingerem os mesmos alimentos, não se ferem com as mesmas armas, não estão sujeitos às mesmas doenças, não se curam com os mesmos remédios, não se aquecem e refrescam com o mesmo verão e o mesmo inverno que aquecem e refrescam os cristãos? Se nos espetardes, não sangramos? Se nos fizerdes cócegas, não rimos? Se nos derdes veneno, não morremos? E se nos ofenderdes, não devemos vingar-nos? Se em tudo o mais somos iguais a vós, teremos de ser iguais também a esse respeito. Se um judeu ofende a um cristão, qual é a humildade deste? Vingança. Se um cristão ofender a um judeu, qual deve ser a paciência deste, de acordo com o exemplo do cristão? [...] (SHAKESPEARE, III, i.)

Em sala, debatemos sobre a atualidade dessa fala de Shylock. Assistimos à cena do filme *Ó pai, ó* (2007), de Monique Gardenberg, baseada nessa passagem da peça de Shakespeare. Percebemos que o antissemitismo denunciado por esse discurso poderia ser adaptado para delatar as injustiças e as agressões sofridas por grupos minoritários brasileiros. A partir desse debate em sala, uma das alunas prontificou-se a reescrever o texto shakespeariano. Sua reescrita seria parte do roteiro, o qual expomos a seguir:

## Roteiro

(Palco de um auditório. O vídeo abre com a palavra ALTERIDADE, sobreposta à imagem de um grupo de pessoas. Na cena seguinte, close em um dos atores que representa um grupo minoritário; depois, em outro, sucessivamente. À medida que aparecem, os atores/alunos recitam o texto seguinte, adaptado do discurso de Shylock, presente no ato III, cena I.)

*IDOSO*: Humilharam meu amigo.

*DEFICIENTE FÍSICO*: Riram da sua situação.

*NEGRO*: Abusaram da sua condição.

*MORADOR DE RUA*: Zombaram da sua individualidade.

*MULHER*: Afastaram seus amigos e fortaleceram seus inimigos.

*LGBT*: E tudo por quê? Pelo que somos!

(Novamente há close em cada um dos atores, sucessivamente. Sobre a face deles, surgem as palavras idoso / deficiente / negro / LGBT / mulher / morador de rua. Após isso, cada um dos atores aparece em evidência e declama as falas que lhe cabem.)

*IDOSO*: Os anos que encurtam a nossa vida, por acaso nos extingue as mãos, as dimensões, os desejos, os sonhos? Não vês que a velhice consome a vitalidade de todos nós lentamente?

*DEFICIENTE FÍSICO*: A deficiência que limita o corpo nos impede de materializar sentidos, paixões, inclinações? Se a sociedade nos nivela moralmente, deveria ser adepta do igualitarismo ético.

*NEGRO*: Por acaso não sentem fome, sede, dor? As migalhas sociais irão de fato trazer de volta a sua dignidade? A ignorância é uma forma de opressão que só pode ser combatida pela tolerância.

*MORADOR DE RUA*: O sol e a chuva não nos aquecem e nos molham? A natureza não atua mutuamente? O rosto expressa os contratempos da vida, mas as grandes dificuldades tornam muitos invisíveis.

*MULHER*: Não sabe que a violência assassina a inocência e que o constrangimento declara um riso de dor? O veneno da superioridade é destruidor, e o antídoto da desigualdade humana será a empatia.

*LGBT*: E se agridem nossa essência, não devemos nos defender com as habilidades que a existência nos presenteou? Se em tudo o mais somos iguais, devemos ser iguais em plenitude de vida.

*IDOSO*: Se um ser humano ofende seu semelhante, qual o desejo daquele que foi ofendido?

*DEFICIENTE FÍSICO*: Respeito.

*NEGRO*: E se essa ofensa se estende, qual a conduta dessa geração?

*MORADOR DE RUA*: Ora, resistência.

*MULHER*: Seremos fortes diante das adversidades.

*LGBT*: Sendo de estranhar se não buscarmos a resiliência.

(Imagem ampla do auditório, com suas cadeiras vazias, o que evoca a ideia de indiferença. Sobre a imagem do auditório, surge mesmo a palavra INDIFERENÇA! Depois, os dizeres CONTRA A INDIFERENÇA. Em seguida, aparece a imagem anterior com o vocábulo ALTERIDADE. Os atores/alunos se abraçam.)

O segundo vídeo - *Quem serei eu?* - baseia-se no famoso monólogo do ato III da peça *Hamlet* (*To be or not to be...*), uma das mais celebradas obras de Shakespeare.

Ser ou não ser – eis a questão.  
Será mais nobre sofrer na alma  
Pedradas e flechadas do destino feroz  
Ou pegar em armas contra o mar de angústias –  
E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir;  
Só isso. E com o sono - dizem - extinguir  
Dores do coração e as mil mazelas naturais  
A que a carne é sujeita; eis uma consumação  
Ardentemente desejável. Morrer – dormir –  
Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!  
Os sonhos que hão de vir no sono da morte  
Quando tivermos escapado ao tumulto vital  
Nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão  
Que dá à desventura uma vida tão longa.  
Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo,  
A afronta do opressor, o desdém do orgulhoso,  
As pontadas do amor humilhado, as delongas da lei,  
A prepotência do mando, e o achincalhe  
Que o mérito paciente recebe dos inúteis,  
Podendo, ele próprio, encontrar seu repouso  
Com um simples punhal? Quem agüentaria fardos,  
Gemendo e suando numa vida servil,  
Senão, porque o terror de alguma coisa após a morte –  
O país não descoberto, de cujos confins  
Jamais voltou nenhum viajante – nos confunde a vontade,  
Nos faz preferir e suportar males que já temos,  
A fugirmos para outros que desconhecemos?  
E assim a reflexão faz todos nós covardes.  
E assim o matiz natural da decisão  
Se transforma no doentio pálido do pensamento.  
E empreitadas de vigor e coragem,  
Refletidas demais, saem de seu caminho,  
Perdem o nome de ação. (SHAKESPEARE, III, i.)

Os monólogos existenciais do protagonista têm despertado a crítica de diversas gerações. O príncipe filósofo ainda hoje suscita reflexão sobre as mais importantes questões da vida. A complexidade desse texto shakespeariano, no entanto, não impede que jovens leitores sintam-se à vontade para interpretar e oferecer novas significações ao famoso solilóquio a partir das vivências e das interrogações deles, apropriando-se da voz hamletiana.

Assim, o vídeo mostra uma aluna que, enquanto lê Shakespeare, enfrenta dúvidas sobre as escolhas que deve fazer diante de algo importante para ela: o vestibular. Ela

questiona se deve buscar atender ao mercado e alcançar uma condição econômica estável por meio de um curso que lhe dará uma profissão de *status* e fornecerá retorno financeiro, ou seguir seu desejo e vontade cursando algo nem sempre valorizado por sua sociedade, arriscando-se inclusive a uma vida financeira instável.

A partir dessa situação aparentemente banal, pensa-se algo além de uma mera questão da escolha de uma profissão: a realização da jovem como pessoa – como ser – no mundo. A estudante monologa, parafraseando e parodiando o solilóquio hamletiano. Enquanto fala com si própria, imagens de seu cotidiano – pleno da rotina de estudo – são expostas na tela.

O vídeo finaliza com a jovem recitando versos de *A tempestade*, evocando a ideia de que os sonhos nos fazem e de que somos verdadeiramente à medida que os tornamos realidade:

Tal como o grosseiro substrato desta vida, as torres que se elevam para as nuvens, os palácios altivos, as igrejas majestosas, o próprio globo imenso, com tudo o que contém, hão de sumir-se, como se deu com essa visão tênue, sem deixarem vestígio. Nós somos feitos da matéria de que são feitos os sonhos; nossa vida pequenina é cercada pelo sono. (SHAKESPEARE, IV, i.)

### Roteiro

(O vídeo abre com uma jovem estudando. Ela para o que faz e pega um volume das peças de Shakespeare. Abre-o no famoso monólogo do ato III. A jovem, então, recita o texto seguinte. Cenas de sua vida estudantil são mostradas durante o solilóquio.)

*“To be or not to be, that is the question”*

Ser ou não ser, eis a questão.

Ser médica, advogada, engenheira, psicóloga...

Será mais nobre sofrer na alma, abandonar os desejos

Para cursar uma faculdade que atenda ao mercado,

Traga *status* e estabilidade financeira no futuro,

Ou pegar em armas contra o mar de angústias

E, combatendo essas imposições e o desejo dos pais,

Estudar o que se quer?

Morrer; dormir;

Só isso. E com o sono – dizem – apagar

As dores do coração e as mil mazelas naturais

A que o corpo está sujeito após horas debruçado sobre

Livros e apostilas.

Que coluna aguenta?

Quero morrer, quero dormir...

Dormir! Talvez sonhar.  
Aí está o obstáculo!  
Os sonhos desfazem aquilo que a família, a escola, a sociedade falaram.  
Tudo isso me obriga a hesitar: e é esta a reflexão:  
Vale realizar os sonhos alheios,  
Aguentar a opressão de um curso que não se ama,  
Ser uma profissional sem ímpeto  
Ao invés de viver intensamente  
Conhecendo o que se admira e  
Melhorando a vida de quem nos rodeia  
Como pessoa realizada, mas ... pobre?!  
Quero dormir...  
Dormir! Talvez sonhar.  
Sonhar porque o grosseiro substrato desta vida,  
Os impérios do mercado, as grandes empresas,  
O reconhecimento do mundo, o *status* hão de sumir.  
A música, a poesia – estas sim – permanecerão,  
Pois elas – e nós – somos da matéria dos sonhos,  
E nossa vida pequenina é cercada pelo sono.

(Após monologar, a vestibulanda fecha o seu volume e abraça-o, voltando a estudar logo em seguida.)

Esse vídeo foi o vencedor do concurso<sup>14</sup>.

*Em um nome* é um vídeo resultante de discussões sobre questões de gênero. No teatro elisabetano, as mulheres eram impedidas de atuar. Adolescentes, então, representavam as donzelas. Shakespeare aproveita essa situação, fazendo com que atores que interpretavam mulheres se vestissem de garotos, ou seja, há, em Shakespeare, meninos que se vestem de meninas que se vestem de meninos! Nas peças do Bardo, diversas heroínas enroupam-se como homens para superar obstáculos que lhes são impostos. Pórcia e Rosalina são alguns exemplos. Isso lhes permite agir de forma bem mais livre do que se estivessem com roupas femininas. Pórcia, em *O mercador de Veneza*, resolve uma complexa situação judicial e salva a vida do amigo de seu esposo. Rosalina, de *Como gostais*, é personagem das mais elaboradas no panteão shakespeariano. Travestida de homem, ela coloca nos eixos o destino do reino e a vida dos seus companheiros e dela própria.

---

14 Ele pode ser visto no site do British Council, disponível em <<https://www.britishcouncil.org.br/atividades/shakespeare-lives/concurso-cultural-para-escolas/ganhador>> ou no YouTube, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Tt4yQAY3WZ0>>.

Em minhas discussões com os alunos, percebemos que essas mulheres chamam a atenção para as funções estabelecidas e impostas aos gêneros sexuais pela cultura. Há hoje uma discussão séria sobre as limitações que os papéis sexuais trazem a todos, ainda que mais incisivo sobre as mulheres. Partindo dessa situação, decidimos fazer um vídeo abordando essas questões. Como nas peças de Shakespeare há muitas canções e visto que alguns estudantes compunham e cantavam, elaboramos um videoclipe. A canção foi elaborada com versos de Shakespeare, resultando em uma miscelânea de citações.

### Roteiro

O argumento gira em torno de um casal de jovens cujos desejos se contrapõem ao que se espera deles em relação aos seus comportamentos, pois a menina gosta de futebol, e o rapaz é apaixonado pelo teatro. Enquanto se canta, são mostradas cenas do cotidiano desses jovens. As imagens são, normalmente, divididas em duas, expondo, simultaneamente, o cotidiano dos jovens. À esquerda do vídeo, vê-se a garota; à direita, o garoto. Essa duplicidade da imagem permanece quase durante todo o videoclipe. Os ensaios das peças e os jogos de futebol são constantes. No fim do vídeo, eles se encontram, e fica-se com a dúvida: são amigos? São namorados? O vídeo busca fazer uma leitura atualizada de Shakespeare no que se refere à questão dos comportamentos que envolvem os gêneros sexuais. Questiona-se a validade dessas condutas quando elas acabam por ser formas de limitação de liberdade e felicidade individuais.

### Canção

Ser ou não ser, eis a questão; / Ser dama ou cavalheiro / Amar quem amo, sem objeção / É o que quer meu coração. / Deixarei eu as vozes do futuro / Por mim falarem? / Ou as calarei pondo acima / Minha vontade? / Por anos os homens mentem / Para si e sobre si / Ignorando o que sentem / Sim, foi o que vi / Ora desejo muito antes / Aos meus desejos servir / Que ao bando de urubus / Ao meu redor a rugir! / Prefiro lutar contra a má-fé / E a ignorância / Que curvar-me ante ao intolerante / E sua arrogância / Por que meu amor é verdadeiro / E a ele me darei por inteiro.

### Considerações finais

Nos 400 anos de sua morte, Shakespeare reviveu no mundo por meio da campanha *Shakespeare Lives*. Tal iniciativa continua uma política do Reino Unido, que, desde o século XIX, fomenta a divulgação global de seu mais conhecido poeta, cuja posição canônica é sustentada – e manipulada – pela política cultural e econômica atuais da Grã-Bretanha.

Ressalte-se que, citando Lefevere (2007), a literatura não é um sistema que destrói a liberdade do leitor, do escritor ou do reescritor. Quando falamos de manipulação da literatura, ainda que o termo pareça pejorativo, estamos nos referindo a um processo comum que constitui o sistema literário.

O *Shakespeare Lives* desempenhou um papel importante na disseminação da obra shakespeariana em grande parte do mundo no ano de 2016. Em âmbito nacional, o “Concurso Cultural Shakespeare Hoje”, por meio das discussões e dos trabalhos de centenas de alunos no Brasil, impulsionou a manutenção da fama literária shakespeariana. Enquanto tentavam responder à questão “Por que Shakespeare continua atual?”, os alunos do CMF que participaram desse certame concluíram que a Literatura, além de ser um grande prazer, não se resume a sua função lúdica. Ela nos faz pensar e refletir sobre nós mesmos e nosso mundo. Se Shakespeare não escreveu para nós, pessoas do início do século XXI, nós podemos ler seus textos tomando nossa realidade e experiência como referência; por isso, vemos a nós e as nossas inquietações nas suas peças.

A partir do entendimento acima, reescrevemos um dos monólogos de *Hamlet*, e nossa compreensão da peça foi reconhecida como resposta adequada ao questionamento sobre a atualidade de Shakespeare, poeta que é poesia e, por isso, como escreveu Machado de Assis (2008, p. 979), “é eternamente respirável”.

## Referências

ASSIS, Machado de. A semana. In: \_\_\_\_\_. **Obra completa em quatro volumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2008. v. 4 (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira.)

BORGES, Jorge Luis. Everything and nothing. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Jorge Luis Borges**. São Paulo: Editora Globo, 1999. v. 2

BUENO, Cris. Shakespeare vive. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 68, n. 2, p. 62-63, abr./jun., 2016. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v68n2/v68n2a19.pdf>>. Acesso em 17 mai. 2017.

COLÉGIO Militar de Fortaleza é 1º colocado em Concurso Cultural para escolas Shakespeare Hoje. **Jornal do Comércio do Ceará**, Fortaleza, 3 jan. 2017. Disponível em: <<http://jcce.com.br/?p=845>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade**. 2. ed. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção leitura e crítica)

MARCUSCHI, Beth. Condições de produção do texto. Glossário CEALE – termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores (ISBN: 978-85-8007-079-8). Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br>>. Acesso em 10 out. 2017.

PROUDFOOT, Richard; THOMPSON, Anne; KASTAN, David Scott. Introduction. In: SHAKESPEARE, William. **The Arden Shakespeare Complete Works**. Rev. ed. London: Thomson Learning, 2001.

SHAKESPEARE, William. **A tempestade e A comédia dos erros**. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, s.d. (Coleção Universidade de Bolso)

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 1996. (Coleção Pocket L&PM)

SHAKESPEARE, William. **Sonho de uma noite de verão e O mercador de Veneza**. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, s.d. (Coleção Universidade de Bolso)

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins fontes, 1999.

Submetido em: 14 jun. 2017

Aprovado em: 25 nov. 2017